

A CRÔNICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: VISÕES E IMPRESSÕES SOBRE A SOCIEDADE, A CULTURA E O COTIDIANO BRASILEIRO

Ricardo André Ferreira Martins¹

RESUMO: A crônica, ao longo da história do campo literário brasileiro, tem sido o gênero privilegiado por muitos escritores e poetas como instrumento para alcançar mais facilmente a opinião pública. Contudo, nas mãos de alguns escritores em particular, como Carlos Drummond de Andrade, ela serviu para capturar bem mais que o cotidiano pessoal de um escritor. Na obra cronística de Drummond, como ao longo de toda a sua atividade jornalística, o poeta mineiro conseguiu visualizar a sociedade, a cultura e cotidiano brasileiro como poucos, fazendo da crônica o espaço adequado para o encontro do escritor erudito com o público médio. E, para além disso, realizar uma verdadeira fotografia de nossos hábitos, valores, história, práticas e modos de ser tipicamente brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; sociedade; cultura; cotidiano; jornalismo.

RÉSUMÉ: La chronique, tout au long de l'histoire du champ littéraire brésilien, a été le genre privilégié par de nombreux écrivains et poètes comme un outil pour atteindre plus facilement le public. Cependant, dans les mains de quelques écrivains en particulier, comme Carlos Drummond de Andrade, elle a servi à capturer beaucoup plus que le quotidien d'un écrivain. Dans le travail cronistique de Drummond, comme tout au long de son activité journalistique, le poète de l'état brésilien de Minas Gerais pouvait voir la vie de la société, la culture et le quotidien brésilien comme bien peu de personnes, rendant la chronique un espace suffisant pour satisfaire le savant écrivain avec le public moyen. Et, en outre, obtenir une image fidèle de nos habitudes, les valeurs, l'histoire, les pratiques et les manières de l'être typiquement brésilien.

MOTS-CLÉS: chronique; société; culture; quotidien; journalisme.

Ao longo de sua extensa e profícua carreira literária, o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade escreveu muito, influenciando de modo decisivo a cultura brasileira com seu estilo peculiar de observá-la e refleti-la, não apenas através da inegável importância de sua obra poética, mas, sobretudo, através de sua admirável e hoje pouco refletida produção em prosa, particularmente de textos publicados na imprensa brasileira (artigos, crônicas, ensaios). Com efeito, ao longo das oito décadas de vida, o grande poeta itabirano consagrou uma importante fatia de sua produção intelectual à sua intensa colaboração com a imprensa, especialmente a carioca, iniciando-a em 1920, até 1984.

A grande maioria dos textos produzidos em prosa era de crônicas, que se destacam não apenas em função da vultosa quantidade (mais de 6 mil títulos), mas sobretudo pela acentuada qualidade de sua escrita, que não apenas coloca o jornalismo desse período como um dos e-

¹ Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: ricardoafmartins@gmail.com

xemplos mais acabados da qualidade literária que um texto jornalístico pode alcançar, como igualmente situa Drummond ao lado dos grandes cronistas da história literária do país, como Machado de Assis, João do Rio, Sérgio Porto, (o célebre Stanislaw Ponte Preta), Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Rubem Braga, Fernando Sabino, Luís Fernando Veríssimo, entre muitos outros. São muitos os escritores contemporâneos a Drummond que lhe seguem de perto os passos e o estilo característico de observar o cotidiano e registrá-lo, com seu tom sarcástico, atravessado de ironias e bom humor.

Contudo, não é tão simples pôr em perspectiva analítica a obra cronística de Drummond, pois ainda são poucos os trabalhos consagrados a essa matéria em particular. Com toda certeza, os escritores contemporâneos a Drummond foram decisivos, na história literária do século XX, na configuração estreita entre jornalismo e literatura, diluindo e muitas vezes dissolvendo os limites entre os campos profissionais e sociais. Ao lado de Drummond, muitos outros importantes cronistas do período eram também escritores de peso, tornando-se comum, e até mesmo necessária, a relação entre a crônica e alguma atividade literária por parte do jornalista, ou uma atividade jornalística por parte do escritor. Não é de surpreender a proximidade e a analogia entre as duas atividades, uma vez que, desde o século XIX, a atividade jornalística tornou-se o vestíbulo para a atividade literária e vice-versa. Ao lado disso, a “escola” jornalística formada por escritores foi crucial para criar e mesmo influenciar o surgimento e o desenvolvimento de praticamente todos os gêneros jornalísticos, ao passo que muitos gêneros jornalísticos influenciaram a feição de vários gêneros literários importantes, como o romance, o conto e, por fim, a crônica, que no Brasil sempre foi o espaço privilegiado de registro de impressões do cotidiano, da cultura, da política, da sociedade, sempre temperada pelo apurado trabalho de escritores que ajudaram a alçá-la à nobre condição de gênero literário.

Apesar de Drummond ter ensaiado uma carreira de contista com o livro *Contos de aprendiz* (1951), cujo título já é extremamente esclarecedor a respeito de suas intenções e de sua consciência como autor, será na crônica que o seu estilo sarcástico, mordaz e irônico encontrará a melhor expressão ao longo de sua carreira. O poeta demonstra estar perfeitamente confortável no gênero, de modo que, mesmo após estreiar no conto após o primeiro livro de textos diversos (*Confissões de Minas*, uma reunião de ensaios, artigos e crônicas, é de 1944), Drummond prosseguirá publicando sucessivos e exitosos livros de crônicas, tornando-se um dos mestres inquestionáveis do gênero no Brasil, senão aquele que melhor o praticou no país

ao longo do século XX. Assim, seguem-se *Passeios na ilha* (1952), *A bolsa & a vida* (1959), *Cadeira de balanço* (1966), *Versiprosa* (1967), *Caminhos de João Brandão* (1970), *O poder ultrajovem* (1972), *De notícias & não notícias faz-se a crônica* (1974) e, finalmente, *Os dias lindos* (1977), *Crônicas das favelas cariocas* (1981), *Boca de luar* (1984) e *Moça deitada na grama* (1984). Somente em 1978 o autor voltará a cultivar o conto, com a pequena reunião intitulada *70 historinhas* (seleção de textos dos livros de crônicas: *Fala amendoeira*, *A bolsa & a vida*, *Cadeira de balanço*, *Caminhos de João Brandão*, *O poder ultrajovem*, *De notícias & não notícias faz-se a crônica* e *Os dias lindos*), seguida de *Contos plausíveis* (1981), *O pipoqueiro da esquina* (1981) e *História de dois amores* (1985).

Outro índice da importância da influência e penetração da crônica na cultura brasileira são as frequentes antologias que eram lançadas reunindo a constelação dos principais cronistas em atividade do país à época, várias delas voltadas para o público jovem e estudantil. Drummond participou de várias, como *Vozes da cidade* (1965), em colaboração com Cecília Meireles, Genolino Amado, Henrique Pongetti, Maluh de Ouro Preto, Manuel Bandeira, Raquel de Queirós, *Elenco de cronistas modernos* (1971), com Clarice Lispector, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Raquel de Queirós e Rubem Braga, e a célebre coleção *Para gostar de ler* (1977), com Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga (volumes 1, 2, 3, 4 e 5), entre muitos outros em volumes posteriores (Arthur Azevedo, Machado de Assis, Stanislaw Ponte Preta, Lima Barreto, Luís Fernando Veríssimo, Aluísio Azevedo, Moacir Sclyar, Antônio de Alcântara Machado, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Ivan Ângelo, Orígenes Lessa, Otto Lara Rezende, Ricardo Ramos, Ignácio de Loyola Brandão, J. J. Veiga, Marcos Rey, etc.).

Com efeito, a crônica foi o gênero escolhido pelos escritores brasileiros do século XX não apenas como uma forma alternativa de aumentar o orçamento apertado, mas, sobretudo, porque era o principal meio de comunicação entre os literatos e o grande público leitor, formado particularmente por leitores de jornais, que buscavam na crônica um momento de distensão e relaxamento entre as notícias sérias e ásperas do dia-a-dia. A crônica era o sorriso do escritor com o público, a “janela” que permitia a contemplação para o mundo, que solidarizava o grande e recluso escritor com o leitor mediano e pouco refinado. A tal ponto isto se tornou um gesto particular de nossa cultura, que muitos escritores ainda projetam-se hoje, para o grande público, através da atividade de cronista.

No caso de Carlos Drummond de Andrade, a sua atividade como cronista não pode simplesmente ser relegada como secundária perante o seu inquestionável e muitas vezes maior reconhecimento nacional e internacional como poeta, cuja obra foi traduzida para muitos idiomas, sobretudo o castelhano, alemão, inglês, francês, e até mesmo o tcheco e o búlgaro. O jornalismo, para Drummond, era algo essencial e definidor, uma face legítima, complementar e totalmente necessária de sua escrita e atividade literária, até mesmo de sua identidade profissional como escritor e intelectual, a ponto de declará-la como tal: “Sou um jornalista porque a vida toda estive ligado a jornal. Fui redator-chefe do Diário de Minas, onde, com muitos outros companheiros, fizemos a campanha modernista em Belo Horizonte e nos divertimos muito” (Apud TRAVANCAS, 2008, p. 128).

O poeta ostentava a sua condição de jornalista com orgulho, ativismo e militância, fazendo parte da Associação Brasileira de Imprensa, a ABI, desde 17/05/1974, sob a matrícula no. 1396. No auge da carreira literária, já totalmente consagrado, transformado em ícone nacional e patrimônio de nossa cultura e literatura, Drummond chegou a compor uma chapa de jornalistas do Sindicato de Jornalistas do Município do Rio, apenas para derrotar um candidato patrocinado pela ditadura militar, ainda vigente no país.

São episódios e declarações dessa natureza que comprovam a tese de que as duas carreiras de Drummond, o jornalismo e a literatura, eram indissociáveis. A intensa atividade do poeta como cronista, articulista, e até mesmo crítico literário, é a prova documental de que Drummond nutria um sentimento especial pelo jornalismo, que o exercia com prazer, e não como mero complemento à sua renda pessoal ou vestíbulo para ter acesso ao público leitor, mas era, sobretudo, uma profissão exercida com especial afeto e dedicação. Ao contrário de muitos escritores, Drummond não concebia o jornalismo como uma coerção à literatura, ou vice-versa. Antes a via como um estímulo, um laboratório, um exercício constante, conforme escreve a Mário de Andrade:

O jornalismo é a escola de formação e de aperfeiçoamento para o escritor, isto é, para o indivíduo que sinta a compulsão de ser escritor. Ele ensina a concisão, a escolha das palavras, dá noção do tamanho do texto, que não pode ser nem muito curto nem muito espichado. Em suma, o jornalismo é uma escola de clareza de linguagem, que exige antes clareza de pensamento. E proporciona o treino diário, a aprendizagem continuamente verificada. Não admite preguiça, que é o mal do literato entregue a si mesmo. O texto precisa saltar do papel, não pode ser um texto qualquer. Há páginas de jornal que são dos mais belos textos literários. E o escritor dificilmente faria se não tivesse a obrigação jornalística (FROTA; SANTIAGO, 2002, p. 349).

O fato é que Drummond iniciou sua carreira jornalística já aos dezenove anos, quando começou a trabalhar no *Diário de Minas* de Belo Horizonte, publicando seus trabalhos na seção *Sociais* do mesmo periódico. Em 1929, abandona o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no jornal *Minas Gerais*, órgão oficial do governo mineiro, começando como auxiliar de redação, logo depois se tornando redator. Trabalhou ainda alguns meses, em 1933, no jornal *A Tribuna*, e, no ano seguinte, atuará simultaneamente como redator em três jornais: *Minas Gerais*, *Estado de Minas* e *Diário da Tarde*. Nessa atmosfera das redações dos jornais mineiros, portanto, somadas as suas raízes familiares em Itabira, percebe-se a profunda vinculação temática da obra de Drummond ao seu estado de origem, o que explica, em parte, o provincianismo perceptível também em seus primeiros livros de crônicas, *Confissões de Minas* e *Passeios na Ilha*. Nesses livros, Drummond explora alguns eixos temáticos bem claros: a análise literária e a memória de seus amigos e colegas contemporâneos, além de outros de gerações anteriores, todos originários de Minas Gerais; o cronista das cidades históricas mineiras, com uma atenção especial dedicada a Itabira; a observação do cotidiano, das festividades e lembranças da infância; a análise de personalidades ilustres da história mineira e de sua biografia pessoal.

Das duas obras, a mais provinciana é, sem dúvida, *Confissões de Minas*, sobretudo em virtude de seu aspecto inaugural e pelo fato de que o conjunto total dos textos não reflete ainda o espírito descontraído, sarcástico e bem-humorado que caracterizará a produção cronística do autor em obras posteriores. Os três primeiros textos, consagrados a poetas célebres do romantismo brasileiro, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias, são ensaios críticos, ao ritmo de análise literária. Os textos seguintes, que versam sobre Alberto Campos, Ascânio Lopes, João Guimarães, Abgar Renault e Emílio Moura, estão a meio caminho entre a crônica e o texto memorialístico. Somente nos textos “Estive em casa de Candinho”, “Poesia e utilidade de Simões do Reis”, “Vila de Utopia” e “Esboço de uma casa” o autor desenvolve mais livremente o gênero da crônica de cotidiano ou mesmo de memórias. Os demais são textos voltados às cidades históricas mineiras, quase em ritmo de diário de viagem ou registro de impressões.

Em *Passeios na ilha*, obra composta de artigos e crônicas produzidos no Suplemento Literário da *Folha Carioca*, nota-se ainda um Drummond provinciano, ao mesmo tempo em que desponta a análise social, o conteúdo filosófico: “Chega-se a um ponto em que convém

fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atroz. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas – e inúteis – carnificinas.” (ANDRADE, 1983, p. 967). Ao lado desse aspecto emergente, já surge o escritor e o poeta capaz de refletir sobre o ofício de escritor – como em “Trabalhador e poesia” –, realizar sátira da crítica literária – “Perspectivas do ano literário [1900]” –, e até mesmo dar conselhos de escritor experimentado: “Primeira fase: o poeta imita modelos célebres. Última fase: o poeta imita-se a si mesmo. Naquela, ainda não conquistou a poesia; nesta, já a perdeu.” (ANDRADE, 1983, p. 1012). Após um longo trecho do livro dedicado a personalidades literárias de seu tempo (Manuel Bandeira, Joaquim Cardozo, João Alphonsus, Raul Bopp, Emílio Moura, Henriqueta Lisboa, Alphonsus de Guimaraens Filho, Godofredo Rangel), somente os dois textos finais, “Cafiotto” e “O zombeteiro Exu”, adquirem a feição própria de crônica jornalística, no limite do conto literário. O próprio Drummond tinha total consciência de que *Passeios na ilha* não era um livro de crônicas *strictu sensu*, pois “foge à crônica propriamente dita como página de impressões e flagrantes do cotidiano para se aplicar de preferência ao ensaio sobre livros, ideias, personalidades e costumes literários” (IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS, 1976, p. 10).

Será propriamente nos volumes seguintes, exclusivamente de crônicas, que o autor se debruçará sobre o gênero como uma composição voltada para os “flagrantes do cotidiano”. A obra *Fala, amendoeira* (1957), produzida pelo Suplemento Literário do *Correio da Manhã*, já apresenta uma grande diversificação dos temas, que vão desde a vida do cotidiano externo à burocracia estatal, até ao cotidiano doméstico, tematizando assuntos como o cão ou os netos. O autor principia, então, o período mais criativo e fértil de sua extensa produção como cronista, tornando-se um assíduo observador de seu próprio cotidiano, das pessoas, capturando situações, casos, circunstâncias e acontecimentos que vão do patético ao extraordinário, do prosaico ao absurdo, conferindo à crônica um tratamento literário que, muitas vezes, ultrapassa a mera pretensão de distrair o leitor e o punha diante de ocasiões insólitas, engraçadas, curiosas, estranhas, peculiares, com a clara intenção de provocar o assombro, o enternecimento, a surpresa, a reflexão, o sobressalto. Trata-se aqui, de forma inequívoca, de um modo muito característico de convidar o leitor para apreciar o aparentemente prosaico, mas incessante e surpreendente espetáculo da vida, em suas variadas e virtualmente infinitas possibilidades de encon-

tros e desencontros, risos, melancolias, ironias, deslumbramentos, pasmos, dramas e coincidências.

Cronologicamente, é possível estabelecer algumas divisões internas na produção cronística de Carlos Drummond de Andrade, seguindo de perto o rastro de algumas de suas transformações estilísticas e temáticas. Nas décadas de 20 e 30, o autor assinava com vários pseudônimos, enquanto nas décadas seguintes a maioria de seus escritos publicados em prosa carrega a assinatura “Carlos Drummond de Andrade”. Contudo, o autor ainda persiste na utilização de alguns pseudônimos, sobretudo quando o artigo ou crônica dizia respeito a assuntos políticos, talvez a fim de evitar eventuais retaliações. Os pseudônimos mais utilizados foram: Antonio Crispim, Aluizio Goulart, Hugo de Figueiredo, Leandro Sabóia, Ney Miranda, Paulo de Freitas e Policarpo Quaresma Neto.

As décadas de 40 e 50 reúnem crônicas que tratam preferencialmente do cotidiano do leitor, em particular da rotina da cidade do Rio, de seus acontecimentos diários, suas efemérides. Contudo, ao longo desse período, os assuntos também gravitam ao redor de temas socialmente engajados, englobando reflexões que vão desde as características do carnaval brasileiro às eleições. A célebre crônica “Meditação do eleitor 3144”, publicada em 14 de outubro de 1945, na *Folha da Manhã*, narra a experiência de Drummond na fila para receber seu título de eleitor, sob o número 3144. Ao longo da crônica, descreve os personagens, a fila, relembra as épocas e títulos anteriores. Contudo, o assunto central da crônica é a importância do voto consciente. O autor aconselha o eleitor a não se colocar a serviço dos homens, mas de ideias, afirmando que “o Brasil inteiro é hoje uma fila à porta das eleições: não desperdicem os seus votos” (Apud TRAVANCAS, 2008, p. 133).

As décadas de 60, 70 e 80 são as mais características da produção cronística de Drummond. Nelas, o autor quase não usa pseudônimo, assinando quase todos os textos como Carlos Drummond de Andrade, como ficou conhecido e consagrado. Nesse período, suas crônicas tornam-se variadas, e adquirem a feição característica do estilo peculiar ao autor, com textos que comentavam, criticavam e analisavam os acontecimentos do país e do mundo, sempre com uma observação arguta e penetrante da realidade, sobretudo do cotidiano do Rio, uma espécie de Brasil em microcosmos, síntese de todas as virtudes e mazelas de nossa jovem nação. Nesse sentido, o olhar de Drummond não se volta apenas e tão somente para a captura de flagrantes do cotidiano, conforme prezava em sua escrita, mas tais flagrantes sempre vi-

nam acompanhados de uma percepção particular da circunstância, do fato analisado ou relatado, muitas vezes em forma de conto breve, de modo a trazer à tona não apenas o registro coloquial do dia-a-dia, mas enfeixá-lo, ao mesmo tempo, como uma espécie de apólogo crítico da situação. Frequentemente recorria à cena, ao diálogo, no lugar do texto dissertativo, para dar agilidade de narrativa a um acontecimento que encerrava, em sua própria narração, algum tipo de sátira, de ironia, ou mesmo simplesmente para, através do humor, realizar a crítica aos costumes. Nesse último aspecto, a crônica torna-se um instrumento, nas mãos de Drummond, para criticar uma série de problemas típicos da sociedade brasileira, sobretudo certos costumes e questões sociais que dificultavam o processo civilizatório e o funcionamento do estado.

É o que se observa em crônicas como “O importuno”, publicada em *Caminhos de João Brandão* (1970). Nesta crônica, um cidadão brasileiro anônimo chega a uma repartição pública e não é atendido pelos funcionários por causa do jogo do Brasil com a Bulgária. O cidadão anônimo fica indignado com a situação, pois precisava que um documento fosse emitido justamente naquela data, mas não estava preparado em razão do jogo. O cidadão então protesta, mas no lugar de uma justificativa cabível, recebe uma explicação acompanhada de absoluta postergação em ritmo kafkiano:

- Mas que é que eu tenho com o jogo com a Bulgária, façam-me o favor? E os senhores por acaso foram escalados para jogar?
- O chefe da seção aproximou-se, apaziguador:
- Desculpe, cavalheiro. Queira voltar na quinta-feira, 14. Quinta-feira não haverá jogo, estaremos mais tranquilos.
- Mas prometeram que meu papel ficaria pronto hoje, sem falta.
- Foi um lapso do funcionário que lhe prometeu tal coisa. Ele não se lembrou da Bulgária. O Brasil lutando com a Bulgária, o senhor quer que o nosso pessoal tenha cabeça fria para informar papéis?
- Perdão, o jogo vai ser logo mais, às 15 horas. É meio-dia, e já estão torcendo?
- Ah, meu caro senhor, não critique nossos bravos companheiros, que fizeram o sacrifício de vir à repartição trabalhar, quando podiam ficar em casa ou na rua, participando da emoção do povo...
- Se vieram trabalhar, por que não trabalham?
- Porque não podem, ouviu? Porque não podem. O senhor está ficando impertinente. Aliás, disse logo de saída que não tinha nada com o jogo com a Bulgária! O Brasil em guerra – porque é uma verdadeira guerra, como acentuam os jornais – nos campos da Europa, e o senhor, indiferente, alienado, perguntando por um vago papel, uma coisinha individual, insignificante, em face dos interesses da pátria! (ANDRADE, 1983, p. 1321).

A situação evolui para um total absurdo. Não apenas os funcionários não atendem o cidadão, no uso de suas prerrogativas e direitos como contribuinte, como ainda o transformam em uma espécie de inimigo dos interesses da pátria. Obviamente, Drummond quer ironizar a prioridade que os brasileiros dão ao futebol em detrimento de outros assuntos de primeira ordem, mais urgentes e necessários, que afetam os interesses individuais e coletivos. Muito provavelmente, ilustra alguma situação já vivida ou presenciada pelo próprio Drummond, dado que ela é característica de nossa cultura cotidiana nas repartições públicas amofinadas com o desinteresse do funcionário público pelos problemas do cidadão mediano e comum, cujas necessidades são adiadas em nome do entretenimento:

- Está certo, mas será que, voltando na quinta-feira, eu encontro o meu papel pronto mesmo?

- Ah, o senhor é terrível, nem numa hora dessas esquece o seu papelzinho! Eu disse quinta-feira? Sim, certamente, pois é dia de folga do campeonato. Mas espere aí, com quatro jogos na quarta-feira, e o gasto de energia que isso determina, como é que eu posso garantir o seu papel para quinta-feira? Quer saber de uma coisa? Seja razoável, meu amigo, procure colaborar, procure ser bom brasileiro, volte em agosto, na segunda quinzena de agosto é melhor, depois de comemarmos a conquista do Tri. (ANDRADE, 1983, p. 1322).

Contudo, é necessário observar que, obedecendo ao espírito característico da crônica, as situações insólitas descritas por Drummond são carregadas de notas cômicas, de modo a demonstrar ao leitor que nosso cotidiano está atravessado de eventos absurdos, mas engraçados, curiosos, cujo relato pode ser alçado às páginas dos jornais como uma anedota, uma narrativa de acontecimentos típicos de nossa cultura. Nesse sentido, a crônica de Drummond serve como veículo para pequenas histórias que atiçam a curiosidade do leitor em razão de serem o registro literário de situações por ele próprio vividas, seja nas ruas, no comércio, nas repartições públicas, nas casas, livrarias, bibliotecas, lotações, praças, jantares, reencontros, enfim, nas situações práticas e correntes da vida. Não é à toa que as crônicas de Drummond conheceram enorme sucesso de público. Elas são o retrato acabado do cotidiano do homem brasileiro, de sua cultura, sociedade, costumes, sobretudo de sua forma particular de expressar-se para os outros e para o mundo. Basta avançar na leitura, tomar uma das crônicas praticamente ao acaso, e deparamos com textos singulares, como “Caso de recenseamento”, constante em *Cadeira de balanço* (1966). Nesse texto, um agente do recenseamento bate em uma casa de um típico e afastado subúrbio brasileiro. Confundido pela dona da casa com um vendedor, a custo

tenta explicar à senhora, irritada e confusa, a natureza de sua visita como agente do censo do governo:

- Não quero comprar nada.
- Eu não vim vender, minha senhora. Estou fazendo o censo da população e lhe peço o favor de me ajudar.
- Ah moço, não estou em condições de ajudar ninguém. Tomara eu que Deus me ajude. Com licença, sim?
E fecha-lhe a porta.
Ele bate de novo.
- O senhor, outra vez?! Não lhe disse que não adianta me pedir auxílio?
- A senhora não me entendeu bem, desculpe. Desejo que me auxilie mas é a encher este papel. Não vai pagar nada, não vou lhe tomar nada. Basta responder a umas perguntinhas.
- Não vou responder a perguntinha nenhuma, estou muito ocupada, até logo!
(ANDRADE, 1983, p. 1229).

A situação se exaspera quando a dona de casa resolve chamar o marido, e o agente do censo o espera, para explicar a natureza de sua visita. A dona de casa, ainda exasperada, tentar instigar o marido para que este expulsa o suposto vendedor, mas o marido faz um gesto para que ela se cale, e ouve atentamente o rapaz do censo. Aos poucos, a família se convence de que o rapaz não era nenhum dos habituais camelôs, policiais, cobrador de impostos ou mesmo algum tipo de emissário do temível e temido Tenório Cavalcanti.² Convencidos pela simpatia e educação do agente, o marido e a esposa deixam que o rapaz entre na humilde residência, já que “não há despesa nem ameaça de despesa ou incômodo de qualquer ordem”, uma vez também que, pela primeira vez em sua vida, aquele brasileiro do subúrbio era “objeto [...] da curiosidade do Governo” (ANDRADE, 1983, p. 1230). A crônica encerra com uma das situações mais corriqueiras vividas pelos agentes do censo, que é a falta de algumas informações precisas sobre os membros das famílias brasileiras mais humildes, ao perguntar os nomes e idades de todos os filhos:

- Muito bem, me deixe tomar nota. Jorge... Urubatã... E a Pipoca, como é mesmo o nome dela?
- Nós chamamos ela de Pipoca porque é doida por pipoca.
- Se pudesse me dizer como é que ela foi registrada...
- Isso eu não sei, não me lembro.
E voltando-se para a cozinha:

² **Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque** (Quebrangulo, 27 de setembro de 1906; Duque de Caxias, 5 de maio de 1987) foi um político brasileiro, cuja base eleitoral encontrava-se no antigo estado do Rio de Janeiro. O seu estilo político agressivo, violento e vingativo, lhe rendeu a aura de mito popular. Foi eleito deputado estadual e deputado federal do Rio de Janeiro, tendo sido candidato a governador do estado e quase vencido a eleição. Sua vida inspirou o filme "O Homem da Capa Preta" (1986), filmado por Sérgio Rezende e estrelado por José Wilker no papel do protagonista.

- Mulher, sabes o nome da Pipoca?
A mulher aparece, confusa.
- Assim de cabeça eu não guardei. Procura o papel na gaveta.
Reviram a gaveta, não acham a certidão de registro civil.
- Só perguntando à madrinha dela, que foi quem inventou o nome. Pra nós é Pipoca, tá bom?
- Pois então fica se chamando Pipoca, decide o agente. Muito obrigado, seu Ediraldo, muito obrigado, minha senhora, disponham! (ANDRADE, 1983, p. 1230).

As situações de igual natureza estendiam-se também aos momentos domésticos, a exemplo da crônica “Guignard na parede”, também constante em *Caminhos de João Brandão*. Nesta crônica, em forma de cena, uma visita pergunta ao proprietário da residência sobre a autenticidade de um quadro atribuído ao pintor brasileiro Guignard.³ O proprietário fica intrigado com a pergunta, e a visita, que está pela primeira vez ali, começa a querer convencê-lo de que há muitos quadros falsos de Guignard no mercado, e que aquele poderia ser um deles. O proprietário tenta encerrar o assunto, afirmando que presenciou o próprio Guignard trabalhando naquela obra, porém a visita ainda insiste, dizendo que o pintor poderia tê-lo iniciado, uma vez que pintores não trabalham à vista dos outros, e que seus aprendizes poderiam tê-lo concluído em outro momento. O proprietário começa a se irritar aos poucos com a insistência e impertinência da visita, até que o verdadeiro propósito de toda aquela conversa se revela nas falas que encerram a crônica:

- Talvez tenha feito mal em alertá-lo. O senhor vai ficar preocupado, cismado. Não desejo isso. Vamos fazer uma coisa? Para o senhor não se chatear, eu compro o seu quadro, mesmo tendo as maiores dúvidas sobre a autenticidade. Repare bem: a fluidez da pintura é demasiado fluida para ser original... Um mestre nunca vai ao extremo de sua potencialidade; deixa que os outros exacerbem sua maneira. Este Guignard... Não há dúvida, para mim não é Guignard. Quanto quer por isto?
- Quero que o senhor vá para o inferno, sim? (ANDRADE, 1983, p. 1344).

Drummond adorava realizar a crítica e a denúncia social em forma de crônica. Novamente, utilizava para isso o expediente da cena para criar situações patéticas, em ritmo de teatro cômico do absurdo, como em “Viadutos”, publicada em *De notícias & não notícias faz-se a crônica* (1974). Nesse texto, o autor explora um diálogo imaginário entre dois sem-teto, que moram debaixo de viadutos da cidade. O primeiro sem-teto mora no viaduto São Sebastião, porém o segundo alega estar de “mudança” do viaduto do Japeri, que, apesar de “muito

³ **Alberto da Veiga Guignard** (Nova Friburgo, 25 de fevereiro de 1896; Belo Horizonte, 25 de junho de 1962) foi um pintor brasileiro célebre por retratar paisagens mineiras.

confortável”, é “um pouco longe”, e que procura outro “na cidade”. Contudo, não sabe ainda para onde ir. O colega aconselha experimentar o viaduto Botafogo, e assim eles começam a comentar as vantagens e desvantagens de cada viaduto, suas localizações, seus supostos confortos e privilégios, as “descaracterizações” realizadas pelo poder público, enfim, uma sátira ao desleixo estatal com os moradores de rua:

- Fui eu que inaugurei. Era uma habitação deliciosa, aliás duas, com vista panorâmica, banho de mar em frente, etc. Mas sabe o que aconteceu: estragaram aquilo, botaram jardins, espelhos d’água...
- É. Estão sempre atrapalhando.
- Espelho d’água, vá lá, serve para a toaleta. Mas o jardim...
- Jardim não é bom para secar roupa?
- Em tese. Mas há sempre um guarda querendo defender as plantas, implicando com os moradores.
- Tem razão. Na vida, o essencial é paz.
- Também acho. Folgo em saber que estamos de acordo neste ponto fundamental. Mas, sabe? Os viadutos estão difíceis.
- É, ouço dizer. Mesmo havendo tantos por aí?
- Todos lotados. Dizem que onde cabem três cabe mais um. Eu discordo. Por essa teoria, onde cabem 20, 50, mil, cabe sempre mais um. E os viadutos tornam-se inabitáveis, ficam iguaizinhos aos edifícios, o que, francamente, caro colega, não é vantagem (ANDRADE, 1983, p. 1398).

A conversa entre os dois moradores de rua, ou mais especificamente de viadutos, desenvolve-se nesse patamar, até que o diálogo culmina em um desentendimento entre os dois. Percebe-se que Drummond insere nessa crônica uma ironia alegórica entre o discurso socialista, que luta pela divisão coletiva dos bens particulares, e o capitalismo, que preza pela propriedade privada, ainda que o diálogo em questão trate o patrimônio público como algo privado, o que é típico do comportamento da cultura brasileira. Os dois sem-teto se desentendem porque um deles quer morar sozinho, no máximo na companhia de três outros “colegas”, até mesmo em espírito de comunidade, mas sem transformar os viadutos, que são propriedade do Estado (o que o segundo sem-teto evoca no final do texto), em condomínios, com direito a síndico e tudo. Ou seja, sem alterar a lógica de “paz” e “liberdade” de que supostamente gozariam os sem-teto nos viadutos. O autor consegue, nessa crônica, realizar sutilmente a crítica e a ironia a vários problemas da sociedade brasileira: a falta de habitação e políticas públicas decentes para todos os brasileiros, a urbanização acelerada e sem planejamento algum de nossas grandes cidades, o aumento progressivo de moradores de rua, ocupando os espaços públicos destinados à humanização e embelezamento dos centros urbanos, o desinteresse flagrante do estado brasileiro pelas questões sociais que apenas aumentam, sem solução alguma à vista:

- Diga ao Vai-por-Mim que apareça aqui no São Sebastião, para batermos um papo.
- Vai tirar essas minhocas da cabeça dele?
- Não sei... A ideia me parece aproveitável. A socialização dos viadutos, uma cadeia nacional Hilton dos homens e mulheres independentes... viadutos bem funcionais, o abrigo ao alcance de todos... Um problema social que se resolve...
- Sem essa! Eu a querer salvar o Vai-por-Mim, e o colega pensando em tirar partido da loucura dele! Acabando com a paz, a relativa paz que ainda se goza nos viadutos! Não conte comigo e passe muito mal, traidor! (ANDRADE, 1983, p. 1399).

Claro está que as crônicas de Drummond não se voltam exclusivamente a assuntos e objetivos desse cariz. Uma infinidade de temas atravessam seus textos, desde os assuntos mais prosaicos, como cães, gatos, conversas engraçadas entre amigos, como cartas de protesto à censura, ao governo militar, sempre mobilizando a opinião pública para assuntos que exigiam alguma posição ante eles. A última crônica de *Caminhos de João Brandão*, intitulada “História do cidadão no poder”, ilustra muito bem isso. Escrita como alegoria crítica à ditadura militar no país, a crônica narra a aventura de um cidadão comum que é alçado à condição de presidente da nação, com poderes para fundar uma nova ordem política no país, como uma espécie de salvador da pátria, um enviado, um escolhido, uma espécie de avatar de uma revolução feita de não-revolução:

JB matava seu problema de palavras cruzadas, quando o geral assim lhe falou:

- Nobre cidadão, venho convocá-lo em nome do Marechal, para o serviço da pátria. O Presidente resolveu governar acima dos partidos e dos exércitos, e para isto conta com o morador de Ipanema que tem manifestado, ao longo da existência, a mais absoluta isenção de ânimo, extraordinária lucidez, inigualável desprendimento. Acompanhe-me, sem delonga, até Petrópolis.

[...]

Assim, JB foi metido na viatura militar e conduzido à presença do Marechal Costa e Silva, que, em poucas mas expressivas palavras, o pôs ao corrente da missão que lhe reservava:

- Brandão, meu caro, isso está uma droga. Todos querem mandar por minha conta, e até mandar em mim. Exigem a reforma do Ministério, como se o Ministério fosse um general da ativa que atingiu a compulsória. Querem que eu acabe com a Frente Ampla e mande brasa na administração. Há também uns casos de corrupção que começam a me dar dor de cabeça. Assim não vai. O jeito, Brandão, é começar tudo de novo, dando plenos poderes a você.

[...]

Aí está João Brandão investido na tarefa de salvador da pátria, missão urgente, prazo limitado, o país de olho nele, como é que vai ser? Estará à altura do desafio? Fracassará, como os políticos e os militares? Será o Homem, o Esperado, o Tal, em frente da História? (ANDRADE, 1983, p. 1346-1347).

O texto desenvolve então uma fábula política atravessada de sarcasmo, de ironia, com o único objetivo de criticar a apatia do povo brasileiro diante de uma flagrante ditadura militar no país. João Brandão assume o posto de homem forte da nação, mas em total e absoluto segredo, sem que ninguém noticiasse o fato ou dele tomasse existência. Ao tomar posse, João Brandão não faz nada, e, ao não fazer nada, instituiu uma nova “atitude mental” no país, que consistia em justamente não fazer nada, criando, assim, a impressão e a certeza em todo o território nacional de que nada acontecia, de que tudo estava na mais perfeita e corrente normalidade, sem qualquer sobressalto ou violência:

A posse de João Brandão em cargo político inexistente, mas de altíssima expressão, fez-se com ausência de bambolinas e fotógrafos, diante de duas xícaras de café, no Palácio Rio Negro. A imprensa escrita, fala e cinética sentiu que era de seu dever silenciar a respeito, para não perturbar a ação do novo eminente estadista. Para surpresa do marechal-presidente, JB não lhe apresentou nenhum projeto de ato institucional estabelecendo preceitos revolucionários de terceiro grau, nem outros de nenhuma espécie.

Ficou entendido tacitamente que não era necessário baixar novas leis, por ser suficiente, e até excessivo, o número de leis em vigor. Nem por isso o Congresso Nacional sofreu o menor arranhão; continuou a fazer o que faz e principalmente o que não faz. Quanto às leis existentes, continuaram a existir na medida em que existem, sem se bulir nelas para aplicá-las (o que provocaria comoção nacional), cerzi-las ou recolhê-las ao arquivo. O *Diário Oficial* entrou a circular em branco, prestando maiores serviços aos leitores, que passaram a ter papel para seus rascunhos e para exercícios escolares de seus filhos.

A grande transformação introduzida por JB no governo republicano, e que levou uma semana a ser percebida, consistiu em uma nova atitude mental. Os brasileiros passaram a não se preocupar com a situação do país. O Governo desistiu de alarmar periodicamente a opinião pública, através de medidas insólitas, e declarações que produzem efeito contrário. A opinião, por sua vez, renunciou ao gosto de alarmar-se e de julgar tudo perdido. [...] Começou então a funcionar no território pátrio um novo modo de ser, a *qualqueridade* (ANDRADE, 1983, p. 1347-1348).

Evidentemente, a “qualqueridade” é uma parábola, segundo a visão de Drummond, sobre a inação e a negligência do povo brasileiro diante da tragédia da ditadura militar, à falta de opinião e mobilização políticas dominantes em todo o território brasileiro, incapaz de exprimir uma reação contrária ao governo. A “qualqueridade” de João Brandão é, na realidade, um modo de ser, que se espelha e espalha-se na cultura brasileira, tornando-se assim uma espécie de sentimento de obnubilação, que reduz todo engajamento a uma vontade de não ser e não fazer, tornando-se uma forma de niilismo e retirando todo o sentido da ação e participação. Diante do quadro instalado pelo governo de João Brandão, não demoram as forças políti-

cas do país, em atitude reacionária, diante de ausência de conflitos, em tentarem depor o João Brandão, e eliminar a “qualqueridade”: “A ARENA, o MDB, as duas linhas do PCB e a Frente Ampla coligaram-se em Frente Mais Ampla Ainda, que, por motivos publicitários, logo passou a chamar-se Frente Pra Frente, com o objetivo de derrubar o Governo da Qualqueridade” (ANDRADE, 1983, p. 1350). O círculo vicioso da história de golpismo no país se completa mais uma vez, repetindo a história, e João Brandão, sem conseguir compreender qual afinal é o desejo do povo brasileiro, é destituído do poder por aquele que nele o investiu:

A “Voz do Brasil” (entrando subitamente no ar):

- Senhores e senhoras, atenção, muita atenção. O Presidente Costa e Silva, atendendo a pronunciamentos do CSN, do EMFA, do SNI, da Federação das Indústrias e da Associação Comercial, acaba de expedir decreto declarando nulos, írritos e inexistentes todos os atos praticados ou inspirados pelo Sr. João Evangelista Brandão, mandando o referido cidadão recolher-se à sua insignificância e dando como homenagem a Praia de Ipanema, desde o Arpoador à Rua Montenegro. Boa-noite.” (ANDRADE, 1983, p. 1353).

Curiosa também é a onomástica empregada ao longo da crônica. O nome de João Brandão, citado completo ao fim do texto, é uma perfeita alusão ao nome de São João Evangelista, que foi um dos doze apóstolos de Jesus Cristo, e, além do Evangelho Segundo João, escreveu as três epístolas de João (1, 2 e 3) e o livro de Apocalipse. João era o mais jovem dos discípulos de Jesus, e contava provavelmente com cerca de vinte e quatro anos no momento em que foi escolhido pelo seu mestre para cumprir sua missão como apóstolo. O nome Brandão é, obviamente, uma referência ao caráter excessivamente brando e apolitizado do personagem, que decide por uma política que não é política, por uma ação sem ação, um modo de governar sem governo, instituindo, à sua revelia, sem o querer, a anarquia e o caos e, portanto, a visão do apocalipse social: “Em Moscou, um grupo de manifestantes tentou incendiar a Embaixada do Brasil, em sinal de protesto contra João Brandão, declarado inimigo nº 1 da paz” (ANDRADE, 1983, p. 1353).

Com isso, Drummond quer alertar ao leitor, quase em forma de apólogo, que mesmo a não participação e a total alienação volta-se, ao final, contra o próprio alienado, que não decide um lado para participar, e deseja o não conflito, a ausência de lados opostos, anulando toda a perspectiva de mudança e transformação: “O melhor que pode acontecer ao mundo neste instante é a renúncia de Brandão, o alienado total, que toma chá com torradas de Petrópolis enquanto a sorte da liberdade humana se decide nas ruas de Saigon, Kartum, Da Nang e Ban Me Thuot, para não falar de Ke Sanh!” (ANDRADE, 1983, p. 1352).

O destino de João Brandão está selado. Seu desejo, que na verdade nem sequer foi um desejo, de transformar a total inércia em uma forma de governo, deu-lhe de volta o exílio e a total alienação em que se encontrava no início, preocupado com suas palavras cruzadas, ao estilo do analfabeto político criticado por Brecht. Contudo, a sátira maior de Drummond no interior do texto é em relação ao próprio poder, que nunca cessa de atingir a si próprio, e é vítima, particularmente no Brasil, de uma perpétua instabilidade.

Considerações finais

Como se pode verificar ao longo desse texto, é necessário refletir sobre a crônica como um instrumento de denúncia e crítica social, sobretudo em autores que passaram ao largo de contextos ditatoriais sem despertar grandes suspeitas por parte dos órgãos de censura, como foi o caso do poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade. A intensidade e variedade de sua produção jornalística, em particular a de crônicas, é um painel interessante não somente das questões culturais do país, do homem brasileiro e seus costumes, dos vícios de nossa sociedade, mas também de alguns particulares de nossa história, que carecem de reflexão mais demorada e de uma análise mais profunda. Por ora, a proposta desse texto foi apenas, modestamente, apontar na direção desses veios inexplorados de nossa literatura, em especial em direção à obra em prosa de Drummond, que ainda aguarda um analista capaz de utilizá-la para a devida compreensão não apenas de nossa literatura, mas também de nossa história, sociedade e cultura.

Outra questão é a permanência da vinculação da atividade de escritor e poeta com a de jornalista, que no caso de Drummond é uma relação de estreita proximidade, e não apenas um mero vestíbulo para a carreira de intelectual, escritor e mesmo político. O campo jornalístico e o campo literário, através da análise da carreira jornalística e literária de poetas como Drummond, encontram-se muitas vezes misturados, em pleno consórcio de pares e regras constituintes de cada um, de modo que muitas vezes não é possível realizar uma clara divisão, em certos períodos de nossa história, entre o que é apenas jornalismo e o que é apenas literatura. O jornalismo era considerado por Drummond uma escola de literatura, e a literatura, para Drummond, foi uma escola de jornalismo. A visão que cada um dos campos tem do texto é,

na realidade, complementar, e não incompatível. Daí porque o poeta mineiro valorizou tanto o jornalismo até o fim da vida.

A carreira jornalística de Drummond encerra-se em 1984, quando decide parar em definitivo de escrever para jornais. Nesse curto período, dedicou-se a alguns temas em voga, como a natureza, o meio ambiente, mas sobretudo a vida doméstica, em família, desviando-se de vez para a sua poesia e deixando, ao fim da vida, uma coleção de textos inéditos, publicados postumamente, que concentram-se em aforismos de caráter filosófico, como *O avesso das coisas* (1988), crônicas (*Moça deitada na grama*, 1987; *Auto-retrato e outras crônicas*, 1989; *O sorvete e outras histórias*, 1993; *Vó caiu na piscina*, 1996; *Quando é dia de futebol*, 2002) e contos (*Crianças dagora é fogo*, 1996). Nos últimos anos de vida, os textos do poeta aparecem vazados de melancolia, típica da idade avançada, retornando a temas diversos, como o amor, a literatura, a memória, o cotidiano, em particular lembranças da infância em Itabira, da política brasileira dos tempos em que começou sua carreira jornalística em Minas Gerais. É a fase crepuscular de sua obra.

Apesar disso, alguns estudos já começam a despertar a atenção em torno da contribuição de Drummond à cultura e à história do país através de suas crônicas. O poeta mineiro foi, além de um artista da palavra, preocupado com a questão formal da literatura, um homem de seu tempo, preocupado com temas e angústias de sua época. Ao longo de sua carreira, tentou expressá-las de diversos modos, seja através da poesia ou da prosa. Contudo, a crônica ocupa um lugar de destaque em sua produção, merecendo a redescoberta e que possam ser usadas como documentos importantes de nossa sociedade, cultura e história. E, com isso, aprofundarmos a compreensão do que hoje somos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHCAR, Francisco. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Os dias lindos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *70 historinhas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Crônica das favelas cariocas*. Rio de Janeiro: edição particular, 1981.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Editora JB, 1981.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O pipoqueiro da esquina*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boca de luar*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Crônicas de 1930/1934*. Belo Horizonte: Revista do Arquivo Público Mineiro, 1984.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *História de dois amores*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Moça deitada na grama*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O avesso das coisas*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Auto-Retrato e Outras Crônicas*. Seleção Fernando Py. R. de Janeiro: Record, 1989.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Sorvete e Outras Histórias*. São Paulo: Ática, 1993.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Criança dagora é fogo*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Vó Caiu na Piscina*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- CANÇADO, J. M. *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2006.
- CURY, M. Z. F. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- FROTA, Lélia Coelho; SANTIAGO, Silviano. *Carlos e Mário: correspondência de Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002.
- IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Minas gerais: suplemento literário*. Belo Horizonte, v. 11, edições 485-535, 1976, p. 10.
- OLINTO, Antonio. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.
- PONTES, Matheus de Mesquita e. Jornalismo e história nas crônicas de Carlos Drummond de Andrade: 1930-1950. *OPsis* - Revista do NIESC, Catalão, vol. 4, n. 1, jan./jun., p. 84-93.
- PY, Fernando. *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade (1918-1934)*. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002.
- TRAVANCAS, Isabel. Drummond na imprensa: algumas crônicas das décadas de 1940 e 1950. *INTERCOM* - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 31, n. 2, jul./dez., 2008, p. 123-138.
- TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1993.
- TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.